

**Práticas e Intenções das Organizações Não Governamentais (ONG) no
Desenvolvimento do Turismo em Blumenau (SC).**

Marialva Tomio Dreher, PhD¹

Emilye Baechtold²

Resumo

O objetivo deste artigo foi analisar as práticas e intenções das Organizações Não Governamentais (ONG) no desenvolvimento do turismo em Blumenau (SC). O turismo como atividade socioeconômica implica na relação dos turistas com os atores sociais que vivenciam os destinos visitados. Devido a esta característica, o desenvolvimento desta atividade implica em uma participação social mais ampla. Assim sendo, o envolvimento e comprometimento das organizações públicas e privadas, é fundamental, no entanto, a participação da sociedade civil organizada com suas organizações representativas (terceiro setor) torna-se muito relevante. Neste contexto, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa exploratória que evidencia a participação de ONG no desenvolvimento do turismo no município de Blumenau (SC).

Palavras-chave: Terceiro Setor; Organizações não Governamentais (ONG); Turismo.

Introdução

O terceiro setor com seus atores (gestores, voluntários, doadores e beneficiados) constitui as organizações sem fins lucrativos e não governamentais, que tem como objetivo gerar serviços de caráter público “ao público”. O termo organizações não governamentais (ONG) é usado para identificar várias práticas sociais de diferentes atores, principalmente as associações, fundações, cooperativas entre outras mobilizações organizadas por objetivos coletivos que envolvem a sociedade e o ambiente nas devidas interfaces. No turismo, as ONG podem contribuir com a aproximação e participação da sociedade civil organizada em diferentes discussões que promovam os elementos e as demandas socioambientais dos destinos visitados.

No entanto, a participação das ONG no desenvolvimento do turismo, ainda é vista como pouco expressiva ante aos movimentos privados, prejudicando as decisões coletivas e participativas quanto aos quesitos da discussão e da solução das “demandas socioambientais”. Acredita-se que sem a participação política social que as ONG poderiam promover perante a

¹ PhD em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul–UFRGS; professora dos programas de pós-graduação Mestrado em Administração e Doutorado em Ciências Contábeis e Administração da Universidade regional de Blumenau (FURB) área de Administração e de Turismo. marialva@furb.br

² Bolsista de Iniciação científica (PIBIC/CNPQ), graduanda em Turismo e lazer da FURB. emilye_baechtold@hotmail.com

movimentação turística, surgem algumas lacunas que podem implicar em efeitos negativos na aceitação e promoção do desenvolvimento do turismo. Nesta complexidade, a pergunta que motivou esta pesquisa foi: Como ocorre a participação das ONG no desenvolvimento do turismo de Blumenau (SC)? Para a maior compreensão desta inquietação, o objetivo desta pesquisa foi analisar as práticas e intenções das Organizações Não Governamentais (ONG) no desenvolvimento do turismo em Blumenau (SC). A relevância desta pesquisa pode ser observada no momento em que sugere a inserção de novos atores sociais, propondo uma participação mais ampla nas decisões do processo de desenvolvimento do turismo.

Aportes teóricos

A ocorrência de catástrofes, a exploração bruta dos recursos naturais, as desigualdades sócio-econômicas, a alienação política, a individualização do ser humano, todo o processo histórico da humanidade, dentre outras circunstâncias fortuitas de nossa sociedade contemporânea fomenta uma série de reflexões sobre inúmeras formas de solucionar todos os problemas preocupantes. Diante destas problemáticas surgem movimentos em prol da diminuição desta conjuntura. Precede Salamon (1998), que o crescimento notável vem ocorrendo mundialmente em atividades voluntárias organizadas e na criação de organizações privadas sem fins lucrativos ou não-governamentais. Desde os países desenvolvidos da América do Norte, da Europa e da Ásia até as sociedades em desenvolvimento na África, na América Latina e no antigo bloco soviético, as pessoas foram formando associações, fundações e instituições similares para prestar serviços sociais, promover o desenvolvimento econômico local, impedir a degradação ambiental, defender os direitos civis e procurar realizar inúmeros outros objetivos da sociedade ainda não-atendidos ou deixados sob a responsabilidade do Estado. Este movimento, no Brasil é comumente denominado como Terceiro Setor.

O terceiro setor apresenta um ligeiro obscurecimento de conceito. Isto é explicado pela sua trajetória histórica. Existe ainda o fato de nomenclatura designada a sentença, que atualmente não é suficiente para abranger e explicar a diversidade de elementos que compõe o terceiro setor. Em vista disso é um dos campos que mais amplia a demanda de envolvidos dos mais diferentes perfis e posições sociais. (FISHER; FALCONER, 1997). Esta complexidade expõe a diversidade de discussões sobre o conceito do Terceiro setor, como também, a sua aplicação nos movimentos sociais e nas organizações que se situam neste campo. Um

exemplo disto pode ser observado no caso das denominadas “Organizações não governamentais (ONG)”. De acordo com Toulmin (1994), o termo “não-governamental” no seu sentido mais lato, é aplicado a qualquer organização ou instituição que realiza uma função pública, mas não é uma parte do governo dos territórios em que trabalha. (TOULMIN, 1994, p.5).

Historicamente no Brasil, as ONG nasceram como entidades ligadas a erradicação dos sistemas totalitários de governança, desenvolvendo um grupo ligado a democracia em seus projetos e suas ações. Estas iniciativas promoveram o uso da sigla ONG que foi compartilhada entre diferentes áreas de atuação, como as direcionadas ao assistencialismo, a religião ou outras que não tinham o intuito de criar oposição sutil ao Estado ou ao regime político, mas sim buscavam uma legitimidade junto a sociedade e aos financiadores. (FISCHER ;FALCONER, 1997). Conforme Carrion (2000), as ONG parecem ser aquelas cujas ações mais se aproximam do trabalho capaz de contribuir para o desenvolvimento da cidadania. Em grande parte remanescente dos movimentos sociais que atuaram na resistência aos governos militares, e de entidades que pioneiramente passaram a realizar atividades constitucionalmente atribuídas ao Estado, tais como a defesa dos direitos humanos. No início elas corresponderiam ao “segmento mais politizado” do terceiro setor, no Brasil. No entanto, isto gerou ambiguidade nos discursos e práticas motivadas pelas ONG.

Neste contexto, houve a criação da plataforma da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG), uma tentativa em sistematizar as diferentes atuações e papéis destas organizações. Esta Associação define ONG como organizações com perfil político caracterizado pela resistência ao autoritarismo; consolidação de novos sujeitos políticos e movimentos sociais; busca de alternativas de desenvolvimento ambientalmente sustentáveis e socialmente justas; lutam contra as desigualdades sociais, econômicas, políticas e civis; a universalização e construção de novos direitos e a consolidação de espaços democráticos de poder. (ABONG, 2011). A representação do envolvimento das ONG no cenário brasileiro, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) vem tornando-se expressiva. Segundo IBGE (2011), existiam até 2005, 338 mil organizações sem fins lucrativos atuantes no Brasil. As áreas de atuação são diversas: educação, saúde, proteção dos direitos das minorias, entre outras demandas abrangentes na sociedade, mas com objetivos semelhantes ao desenvolvimento social e ao bem comum. Entre estas áreas aponta-

se neste estudo o campo de atuação das entidades do terceiro setor junto ao desenvolvimento do turismo.

O turismo é compreendido como uma forma do movimento humano dentro de um espectro mais amplo de mobilidade social e física, estas colocações foram discutidas em disciplinas "tradicionais", por exemplo, a sociologia e os estudos culturais. Mas na última década, a compreensão da mobilidade também tem se beneficiado, principalmente, na produção de conhecimento, devido à transgressão de fronteiras disciplinares deste fenômeno. Assim sendo, o turismo pode ser associado tanto com mobilidade como com o benefício da mobilidade temporária. (COLES; DUVAL; HALL, 2005).

A maior parte dos estudos do turismo, tanto no Brasil quanto no exterior, tem focalizado, principalmente, os impactos na cultura, os processos de aculturação e a questão da autenticidade. Menos atenção têm recebido temas como: alteridade, constituição da diferença, relações de gênero, relações inter-étnicas no trabalho, modos de produção e representações sociais, por exemplo. Desde que no turismo estão sempre sendo colocados estranhos frente a frente, há o emprego de muita mão-de-obra feminina e de minorias étnicas excluídas e é uma atividade emblemática do capitalismo, os temas anteriormente elencados encontram, no turismo, um rico campo de pesquisa para esses grandes temas das ciências sociais. (BARRETTO, 2003, p.2).

Dessa maneira, os negócios representam apenas uma parte do fenômeno turístico, analisá-lo somente com os paradigmas econômicos que verificam os fluxos de dinheiro leva ao esquecimento da dimensão antropológica, a enxergar os turistas não como pessoas, mas como simples portadores de dinheiro. Ao mesmo tempo, tratar o turismo somente a partir da dimensão socioantropológica e ambiental leva ao esquecimento das suas derivações no plano econômico, o que pode constituir-se numa visão romântica deslocada das atuais condições históricas. (BARRETTO, 2003, p.2). Desta complexidade, surgem demandas que envolvem “um olhar” mais atento das comunidades envolvidas com o desenvolvimento do turismo. Todavia, isso ocorre, geralmente, quando o turismo torna-se objeto de observação da sociedade civil organizada e pelas organizações sociais preocupadas com o bem estar coletivo. Organizações estas denominadas normalmente como organizações não governamentais (ONG). (DREHER, 2010).

O desenvolvimento do turismo na perspectiva das ONG interessadas em compreender os limites desse fenômeno segue a leitura de Barretto (2003, p.2), quando sugere que “Deve haver uma negociação desses limites para que todos, empreendedores e sociedade, sejam beneficiados.” É oportuno destacar que as discussões entre os promotores do turismo e a sociedade deveriam ultrapassar os problemas meramente organizacionais, de sustentação

econômica do setor, para reflexões mais amplas, como os efeitos deste fenômeno enquanto provocador de mudanças em relações sociais e ambientais. Estas discussões representam as lutas das ONG que buscam equilibrar as demandas sociais num esforço em prol das justiça políticas, econômicas e ambientais. (DREHER, 2010). O turismo contemporâneo vai além da exclusividade em pensá-lo isoladamente. É necessário sustentar que, em alguns casos, as novas formas de produção e consumo do turismo são melhor compreendidas quando referenciadas às suas ligações com outras formas e atividades, num especto mais amplo, do movimento humano. Em geral, essa mobilidade provocada nas discussões do turismo, enquanto construção teórica emergente, oferece um meio unificar o estudo do turismo e introduzir novas reflexões. (COLES; DUVAL; HALL, 2005).

Metodologia

Para responder aos questionamentos e atender o objetivo deste estudo, que envolve uma leitura dos sujeitos em suas atividades no cenário local adotou-se como método a Pesquisa Qualitativa. Conforme Flick (2009, p.37) “a pesquisa qualitativa dirige-se a análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.” Os critérios centrais da pesquisa qualitativa consistem mais em determinar se as descobertas estão embasadas no material empírico. A partir da escolha da abordagem qualitativa, utilizou como instrumento de coleta de dados o roteiro de perguntas. Este instrumento foi composto por questões abertas divididas em blocos temáticos, com objetivo de auxiliar a organização das falas dos atores entrevistados.

A seleção dos entrevistados foi realizada com a finalidade de envolver uma coleta completa, com todos os atores das ONG envolvidas com o turismo em Blumenau, totalizando uma população representada por dez entrevistados. O campo de estudo foi definido em uma pesquisa exploratória, possibilitada por entrevistas informais (não estruturadas) realizadas em visitas agendadas, num esforço exaustivo, em diferentes órgãos responsáveis pelo turismo local com: Secretaria Municipal de Turismo (SECTUR); Núcleo de Turismo; *Bureau Convention* e Conselho Municipal de Turismo. O objetivo desta etapa exploratória foi identificar as ONG que se envolvem direta ou indiretamente com o desenvolvimento do turismo. Os dados levantados nesta etapa exploratória foram organizados e analisados com o suporte sugerido pelas teorias adotadas na definição dos termos principais - ONG e turismo.

Na interpretação dos dados empíricos, o ponto de partida foi à investigação da compreensão de cada caso (entrevistado), após esta etapa buscou-se entender as diversas alternativas para codificação e interpretação (FLICK, 2009) sequencial do texto. A intenção era valorizar as diferentes falas para apropriação do maior conteúdo possível das leituras observadas. Pretendeu-se organizar e evidenciar nesse texto final (artigo) uma exposição de relatos que pudessem ampliar a visão da realizada estudada, preocupações pertinentes ao método qualitativo adotado. Salienta-se que o campo deste estudo despertou o interesse dos atores que desconheciam a organização destes dados sobre a relação da ONG no turismo. Houve desse modo, uma grande preocupação das pesquisadoras quanto a análise e interpretação dos dados encontrados para não interferir no cenário atual e não perder a riqueza de informações coletadas.

Organizações não governamentais (ONG) e turismo em Blumenau

O município de Blumenau, que possui em torno de 300 mil habitantes, destaca-se no turismo regional do Vale do Itajaí, pois é considerado como um dos primeiros promotores desta atividade nesta região. Os aspectos e atrativos mais relevantes estão centrados na cultura dos imigrantes, especialmente, alemães e italianos. As outras etnias são pouco valorizadas pelo turismo local. Estas manifestações são observadas nos eventos, na culinária, na arquitetura e nos produtos e serviços oferecidos aos turistas. O turismo deste município é mais focado na área urbana com seus atrativos. Todavia, já ocorrem investimentos públicos e privados para o desenvolvimento da região norte do município, inclusive com a recente instalação de um shopping e outros fomentos econômicos. As áreas rurais e naturais são ainda pouco exploradas pelo desenvolvimento do turismo local, embora apresentem muitas potencialidades.

Pela trajetória de atuação no setor do turismo, Blumenau possui a maior movimentação turística e maior quantidade de infraestrutura turística da região. Estes elementos podem ser observados em promoções turísticas que são realizadas, notadamente, nos eventos festivos e de negócios. Estes atrativos, embora sazonais, representam importante movimentação turística, destinando grande parte dos esforços do setor pela demanda expressiva que possuem. Porém, isto representa somente uma parte de um processo de desenvolvimento que poderia acolher outros interesses que fomentassem um processo de turismo que envolvesse outros potenciais existentes. Acredita-se que o desenvolvimento do

turismo deveria envolver muitos outros fatores, como por exemplo: articulação política em prol do segmento; governança; políticas públicas; planejamento; envolvimento participativo da comunidade; ações para a sustentabilidade, entre outras questões importantes para um turismo mais sustentável e competitivo.

As necessidades atuais relativas à participação social e política sugerem uma proposta de desenvolvimento que prevê o envolvimento das organizações do terceiro setor, denominadas anteriormente neste artigo como ONG. Conforme Carrion (2000, p.238), é necessário que as organizações do terceiro setor atentem para a sustentabilidade. Fazendo contraponto ao culto do desprendimento da doação ilimitada em nome do “amor a humanidade.” Acredita-se que este papel social de militância destas organizações é essencial ao bem estar da comunidade e do turista, mas não é o suficiente para uma proposta de desenvolvimento sustentável que recomenda ações em várias dimensões entre elas: sociais, ecológicas, políticas; econômicas. Diante deste cenário esta pesquisa buscou compreender melhor como ocorre a participação das ONG (Quadro 1) no desenvolvimento do turismo em Blumenau. Como também, compreender a percepção dos atores envolvidos com as ONG. Salienta-se que a interpretação da percepção dos atores não indica o nome do entrevistado, isto se deve à proteção da respectiva identidade. Para tanto, identifica-se o entrevistado por números.

ENTIDADE FUNDAÇÃO/ CLASSIFICAÇÃO	COMPONENTES	OBJETIVOS	ATUAÇÃO/PÚBLICO
-ABC- Associação Blumenauense pró-Ciclovias - 1997 -ONG	Profissionais autônomos e Empresas privadas.	- Segurança aos usuários das ciclovias, -uso da bicicleta como turismo e lazer.	-Incentivo ao transporte ciclístico. -Adultos, jovens, crianças.
-ACAPRENA –Associação Catarinense de Preservação da Natureza -1973 -ONG	Profissionais autônomos e Empresas privadas.	- Defesa da natureza, conservacionismo e educação ambiental.	-Defesa do meio ambiente -Público em geral.
-Núcleo de agencias de viagens da ACIB – Associação Empresarial de Blumenau -2003 -Núcleo	Empresas privadas – Agências de Viagem.	- Troca de experiências, aperfeiçoamento e capacitação técnica. Desenvolvimento da responsabilidade econômica, política, social e ética.	-Interesse empresarial e desenvolvimento socioeconômico do Núcleo de Agências de Viagens. -Adultos
-AFEART – Associação da Feira de Artes e Artesanato -1999 -Associação cooperativa	Profissionais autônomos (artesãos)	-Organizar a classe visando a sua independência tanto na parte produtiva quanto financeira.	-Promoção da cultura e do artesanato. -Adultos, jovens, crianças.
-AMPE – Associação de	Profissionais	- Fortalecimento,	-Desenvolvimento de

Micro e Pequenas Empresas -1985 -Associação de classe	autônomos e Empresas privadas	representação e apoio às MPE's, através do associativismo.	Micro e pequenas empresas. -Adultos, jovens, outros
-Associação dos Clubes de Caça e Tiro de Blumenau -1987 - Associação	39 clubes filiados.	- Movimentar e apoiar às ações de fomento a cultura dos Clubes.	-Promoção e conservação da cultura -Adultos, jovens, crianças..
-Blumenau e Vale Europeu <i>Convention e Visitours Bureau</i> - 1991 - ONG Bureau	Profissionais autônomos, Governo Local e Empresas privadas.	-Aumentar o fluxo turístico através do segmento de eventos, fortalecer o trade turístico.	-Captação de eventos e desenvolvimento do Turismo. -Adultos, jovens, crianças.
-CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas de Blumenau - 1966 - Associação de classe	Empresas privadas.	-Representar interesses dos associados no desenvolvimento do comércio varejista.	-Desenvolvimento do comércio varejista. -Adultos
-COOPETAXI – Cooperativa de Taxistas de Blumenau - 2000 - Cooperativa	Profissionais autônomos e Cooperativas.	- Atender com agilidade e competência a população.	- Transporte público. -publico em geral
SIHORBS – Sindicato de Hotéis, restaurantes, Bares e Similares de Blumenau - 1974 - Sindicato	Empresas privadas.	- Liderar a comunidade empresarial com reconhecida influência no desenvolvimento da região.	-Fomento as iniciativas da classe empresarial junto ao Turismo. -Adultos e jovens.

Quadro 1 – Características das ONG ligadas ao turismo em Blumenau.

* A sequência das ONG não refere-se a mesma da interpretação sobre a percepção dos atores.

Observa-se no Quadro 1, que a maioria das ONG pesquisadas possui em torno de 10 anos de atuação, evidenciando certo conhecimento das necessidades locais. Entre elas, seis não atuam diretamente com o turismo, mas apóiam ou participam desta atividade. Somente quatro ONG estão diretamente envolvidas com o turismo. A maioria delas, sete, é composta, principalmente, pela iniciativa privada e/ou profissionais autônomos, mas argumentam que há a participação da sociedade. Apenas três delas são compostas pela iniciativa de atores sociais desvinculados, por interesse de participação socioambiental, das empresas locais. Este pequeno grupo pode ser visto com certa autonomia quanto ao seu financiamento e processo decisório. Os objetivos deste pequeno grupo são vinculados ao bem estar comum das demandas coletivas do desenvolvimento local, isto pode não ocorrer junto aos demais que também, necessitam atender, muitas vezes, as necessidades e interesses “particulares” dos seus componentes, a maioria representada pela classe empresarial. De um modo geral, independente dos interesses, todas as organizações pesquisadas classificam-se como pertencentes ao terceiros setor e não governamentais.

Foi observado durante a pesquisa que o terceiro setor ainda é pouco representativo no escopo das forças políticas do turismo, atualmente o setor público e o privado são os

maiores responsáveis pela condução do turismo de Blumenau. Nesse sentido, a constituição de grupos de parcerias e cooperação com a participação das entidades pesquisadas, em muitos casos, demonstra uma preocupação em aumentar o poder de abrangência, a negociação e até mesmo as reivindicação destas organizações. Oito dentre dez entrevistados possuem parcerias locais com outras organizações do terceiro setor. Apenas uma possui parceria com organizações internacionais. Observa-se que as entidades estão articuladas por meio de diferentes parcerias, porem com entidades representativas de classes empresariais. Metade (5) delas tem parceria por interesses comerciais e os entrevistados declararam que estas organizações são as mais influentes e atuantes nas decisões sobre a ordenação do turismo. E, ainda, para oito deles há um movimento organizado, todavia indicando a SECTUR em primeiro lugar como responsável pela condução do processo; seguida pelo *Bureau* e pelo COMTur.

Entrevistado 4: “a Secretaria de turismo, pois são eles que deveriam estar organizando e fomentando todas estas questões”.

Entrevistado 3: “Um dos mais importantes é o Bureau, além da própria SECTUR”.

Entrevistado 10: “Secretaria de turismo com todas as entidades representativas”.

Observa-se que ainda ocorre certo “paternalismo” na fala dos entrevistados. A maioria deles repassa a responsabilidade das decisões do desenvolvimento ao governo, no papel da SECTUR. De modo geral, eles não visualizam o terceiro setor como força política e decisória, isto implica um repensar do papel destas organizações a favor das causas coletivas – geralmente motivo de criação de muitas entidades do terceiro setor. No entanto na opinião de nove entrevistados o terceiro setor pode envolver-se ainda mais.

Entrevistado 4: “... existe um movimento organizado em prol do desenvolvimento do turismo, mas deveria ser mais abrangente e explorar outros segmentos. A intenção é boa, porem falta visão do poder público, é preciso fazer local... depois externo”.

Entrevistado 7: “Não existe cada um trabalha isoladamente, não em parceria.”

Entrevistado 1: “O terceiro setor poderia apresentar uma participação mais ativa”.

Entrevistado 3: “As entidades podem contribuir de maneira muito significativa, participando da tomada de decisões e nas discussões sobre estratégias e ações”.

Entrevistado 9: “Procurar interagir entre os setores.”

Entrevistado 8: “Trabalhando de forma conjunta, sem ações separadas/individuais.”

Entretanto, este fato incide em ações concretas, pois quando se refere à discussão de políticas públicas, os entrevistados afirmam que ocorre algum empenho conjunto. Este fato foi identificado na resposta de dois entrevistados que afirmaram ser ótima a participação do terceiro setor na formulação e controle das políticas públicas; três deles alegaram que é boa; quatro declararam ser regular e, ainda, um deles não soube responder. De acordo com os

entrevistados, não há problemas de participação do terceiro setor na formulação e controle das políticas públicas. Observa-se que no discurso há esforços coletivos, porém nas ações práticas, verificaram-se atividades isoladas. Com relação aos projetos, por exemplo, que as entidades desenvolvem em prol do turismo, observou-se que as temáticas são bastante variadas, mas direcionadas aos interesses específicos de cada entidade. Este fato foi percebido na alocação de alguns dos entrevistados, que afirmaram que há projetos, porém isolados e sem continuidade, a saber:

Entrevistado 10: “Que os projetos iniciados em cada gestão de governo em parceria com as entidades seja respeitado e dado continuidade na próxima gestão.”

Entrevistado 7: “Sensibilizar os empresários e governo da importância do turismo para a economia regional valorizando a atividade e remunerando adequadamente os profissionais da área.”

Entrevistado 6: “Blumenau está mais focado, não se pode deixar o Turismo nas mãos do governo, as entidades privadas e o Conselho Municipal devem tomar frente, permitir e manter os projetos contínuos, mostrar muito mais que somente a *Oktoberfest*. É preciso abraçar a causa.”

Desta forma, numa abordagem sobre o desenvolvimento do turismo as preocupações dos entrevistados estão evidenciadas em políticas públicas, controle e planejamento. Os entrevistados acreditam que turismo pode ser ainda mais eficiente e diversificado e sinalizam alguns potenciais. Para sete deles a paisagem e quantidade de áreas naturais representam uma possibilidade para desenvolver novos atrativos, já que as atuais iniciativas realizadas nestas áreas ainda não conseguem consolidar este potencial como importante atrativo. Os atuais esforços centralizam-se nas áreas urbanas e na cultura. Mesmo assim os eventos são vistos por cinco deles como um potencial que pode ser explorado ainda mais.

Conclusão

Nas discussões promovidas neste artigo, demonstram que o turismo, pela promoção do deslocamento, aculturação, lazer e vivência em destinos atrativos e ordenados para tal, exige leituras multidisciplinares e participação social. Acredita-se que de um modo geral, seria comum nesse movimento que: o Estado assumisse as questões de construção de políticas públicas e ordenamento das ações de ordem e compromisso públicos; as empresas privadas adotassem a oferta de produtos e serviços que pudessem dar conta do acesso, da recepção e da atratividade e, o terceiro setor (ONG) pudesse representar os interesses públicos dos cidadãos na promoção coletiva da democracia e do bem estar socioambiental. Portanto, acredita-se ainda que os três setores (público, privado e terceiro setor) formariam uma articulação política

social que poderia coordenar de maneira mais adequada o processo de desenvolvimento do turismo.

Todavia, esta articulação, muitas vezes, ainda é uma intenção que precisa de consolidação em muitos locais que desenvolvem o turismo, entre eles o município de Blumenau. No processo de desenvolvimento do turismo em Blumenau já ocorre um esforço nesse sentido, porém está muito direcionado aos interesses de classes particulares, seja do setor privado ou do público. Estes dois setores apresentam algumas iniciativas em conjunto, no entanto pouco se verificou sobre a participação do terceiro setor nesse movimento. Existe apenas dez ONG que de uma forma atuam com o turismo, mas somente quatro delas tem ações específicas ligadas ao turismo, mas mesmo assim são constituídas e objetivam interesses da classe que representam. Atualmente, nas organizações envolvidas com o turismo, não há nenhuma ONG que represente os interesses públicos do cidadão blumenauense, ou seja, a sociedade em geral não participa das decisões que envolvem o turismo local. Entretanto, observou-se que há uma preocupação dos entrevistados quanto à inexistência desta representatividade.

Os representantes das ONG existentes, de um modo geral, acreditam que há um movimento organizado em prol do turismo, porém, demonstram que participação do terceiro nas decisões e nas políticas públicas do desenvolvimento do turismo ainda é bastante restrita. A maioria dos entrevistados afirmou que o município tem potencial para o turismo, que apresenta ações coletivas, porém as ações ainda são muito centralizadas aos interesses das classes. Este cenário sugere uma reflexão séria dos atores sociais locais na busca da compreensão do papel que ocupam nesse processo. Ressaltando, que sem participação não há possibilidade de controle das ações e do comprometimento em prol da valorização da cidadania e do bem estar socioambiental.

Bibliografia

REFERÊNCIAS

ABONG - Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais. ONGs no Brasil. Disponível em: < <http://www.abong.org.br/ongs.php>.> Acesso em: 23 mar. 2011.

BARRETTO, Margarita. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo. **Rev. Horiz. Antropol**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, out. 2003.

CARRION, Rosinha Machado. Organizações privadas sem fins lucrativos – a participação do mercado no terceiro setor. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 237-255, nov. 2000.

COLES, T., DUVAL, D. T., HALL, M. **The Sociology of Tourism: Approaches, issues and findings**. 8 ed. Routledge, 2005.

DREHER, Marialva T. **Gestão social, desenvolvimento e sustentabilidade**. Blumenau: FURB, 2010. Projeto de Pesquisa.

FISCHER, R. M. e FALCONER, A. P. Desafio da parceria governo e terceiro setor, **Revista de administração**, São Paulo: v. 33, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 1997.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 37 p.

TOULMIN, Stephen. **The Role of transnational NGOs in Global Affair**. Tokyo. Peace Research Institute, International Christian University. 1994. Disponível em: <<http://www.globalpolicy.org/component/content/article/176/31940.html>>. Acesso em: 28 fev. 2011

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Identificação das Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1205&id_pagina=1>. Acesso em: 17 mar. 2011.

SALAMON, Lester. A emergência do terceiro setor: uma revolução associativa global. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 33, n.1, p 5 a 11, jan./mar. 1998.